**Entrevista** JORGE FORBES

# "ESTAMOS VIVENDO EM OUTRO PLANETA"

**Marco Aurélio Vigário**

*Jorge Forbes não é um estudioso pessimista com os novos tempos trazidos pela globalização. Hoje, a partir de 19h30, abrindo a série de palestras de 2014 do Café de Ideias do Centro Cultural Oscar Niemeyer, o médico psiquiatra e psicanalista apresenta uma conferência pontuada de um lado pela angústia de viver em um mundo "sem bússolas" e de outro pelas múltiplas possibilidades de escolhas oferecidas pela pós-modernidade. "O tempo de hoje é interessantíssimo, um tempo em que a marca do homem é superior à marca da técnica", diz. Em entrevista ao POPULAR concedida no sábado, 8, horas depois de uma chacina que vitimou quatro adolescentes na capital, Forbes fala ainda sobre a epidemia de crimes que "põem em dúvida nossa condição de seres humanos". A educação dos filhos, a nova psicanálise, o processo de decisão e o tipo de liderança política pedido pelo mundo de hoje são outros temas abordados pelo psicanalista que frequentou seminários de Jacques Lacan em Paris e se tornou um dos principais nomes da linha lacaniana no País. Jorge Forbes é autor de vários artigos e livros – entre eles* Inconsciente e Responsabilidade – Psicanálise do Século XXI, *vencedor do Prêmio Jabuti 2013 – e mantém o site www.projetoanalise.com.br.*

**Sua palestra no Café de Ideias hoje tem como tema as mudanças experimentadas nestes tempos de globalização. Que mudanças são essas?**

Saímos de uma sociedade que era verticalmente orientada – padronizada, com certo e errado – e passamos para uma sociedade múltipla que é uma verdadeira coleção de singularidades. A pessoa não tem mais um padrão externo para medir se está certa ou se está errada. A sociedade é múltipla e flexível, e o exercício da escolha e a responsabilidade pela escolha são muitos maiores que na sociedade anterior. As pessoas de hoje estão mais felizes, mas muito angustiadas, porque têm de fazer as opções das suas vidas e se responsabilizar por elas.

**O sociólogo Zygmunt Bauman diz que vivemos atualmente um "interregno", ou seja, a maneira antiga de agir não funciona mais e ainda não conseguimos inventar novas. Como superar esse impasse?**

Concordo com Bauman. Só não sei bem se é um interregno – mas isso seria preciosismo de minha parte. Concordo com ele que o mundo que a gente vive hoje em aparência é igualzinho ao mundo anterior. Há pessoas, ruas, casas, famílias, pais, mães, colégios, faculdades... Isso tudo está aí e faz com que a gente pense que nada mudou, mas não é verdade. Estamos vivendo em outro planeta. Existem objetos e pessoas como no planeta anterior, mas as regras são completamente distintas. E aí eu concordo com ele que não sabemos ainda viver na pós-modernidade. Não sabemos o que fazer quando existem, por exemplo, as passeatas como as de junho do ano passado, que não respondem a uma ordem unida ou a uma queixa objetiva. As pessoas ficam aflitas, o governo se reúne... Ficam tentando descobrir o que as pessoas querem e aí acham, por exemplo, que é uma diminuição da passagem de ônibus. E mesmo diminuindo as passagens de ônibus haverá outra passeata. As pessoas vão ter que se responsabilizar muito mais por experiências que não têm causa aparente nem inaparente. Ou seja, vão ter de se responsabilizar frente à surpresa e ao acaso, e isso nós não sabemos fazer ainda. A rapidez da mudança do mundo moderno para o pós-moderno, do industrial para o globalizado, foi muito maior que a nossa capacidade de nos prepararmos para lidar com esse novo mundo. Estamos apanhando muito, mas já menos que no ano passado, que dez anos atrás...

**O senhor tem dito que precisamos inventar novas formas de viver, de nos relacionarmos, inventar o futuro, enfim. Como imagina esse futuro? Acredita, por exemplo, que esses jovens manifestantes das ruas estão inventando esse futuro?**

Se quisermos saber a matriz do novo laço social, temos que olhar para os novos e não para os velhos. Os velhos estão acomodados nas suas certezas do mundo anterior. Os jovens estão inventando novas formas de ser. Nos meus estudos e pesquisas sobre a pós-modernidade dos últimos 15 ou 20 anos, o mais importante que apreendi do movimento dos jovens é que eles são capazes de estarem juntos sem a necessidade de se compreenderem. Repito: os jovens nos ensinam a estarmos juntos sem a necessidade de nos compreendermos. Vemos isso, por exemplo, nas festas com música eletrônica. A música eletrônica junta 2 milhões de pessoas, 3 milhões de pessoas, numa Techno Parade, por exemplo. Como é que algo que não faz sentido, que não tem um significado compacto, pode juntar tantas pessoas? Esses jovens começaram a nos explicar... Aliás, não! Eles não explicam nada! Eles começaram a demonstrar que existe uma forma de estar junto sem se compreender. Não pergunto se você me compreendeu. Pergunto se o que fiz o tocou de alguma forma. E a forma perguntar isso é: "Tá ligado?" O que eu quero dizer é que já temos manifestações na sociedade de novas formas de as pessoas estarem juntas, mais coerentes com um mundo onde você não tem um padrão único. Estamos numa época em que cada um tem de inventar o seu sentido, uma vez que não existe um padrão geral. Temos de prestar atenção a como 2 milhões de pessoas ficam juntas em torno a uma música que só tem ritmo e não tem palavra. Os pais desses jovens, que cantaram *Caminhando*, do (Geraldo) Vandré, ou *Sabiá*, do Chico (Buarque), não entendem por que os filhos gostam de uma música que não tem palavras, significado, bandeira de luta nem moral comum. Mas estamos num mundo que realmente não tem uma moral comum. Tem uma ética maior do que a anterior. E uma moral múltipla diferente da anterior.

**Para a psicanálise, também não é um desafio esse novo mundo em que o ritmo tem mais peso do que a palavra? Como é essa nova psicanálise?**

É um desafio enorme. A psicanálise se atrasou, inclusive, na escuta desse novo mundo. Agora está tirando o atraso. Mas se atrasou porque insistiu em compreender esse mundo através do grande software inventado por Freud para compreender o mundo de 1900, que foi o complexo de Édipo. Todo mundo hoje em dia sabe o que é isso. Esse software funcionava na verticalidade, num sistema com pai forte na família, chefe forte na empresa e um sentimento forte de pátria na sociedade civil. Esses três sentimentos – o pai, o chefe e a pátria – são típicos do mundo anterior. São verticalidades identitárias do mundo anterior. No mundo de hoje você tem um pai relativizado, um chefe provisório e um mercado comum no lugar onde

**"A psicanálise se atrasou na escuta desse novo mundo. Agora está tirando o atraso. Mas se atrasou porque insistiu em compreender esse mundo através do grande software inventado por Freud para compreender o mundo de 1900 – o complexo de Édipo"**

havia o sentimento de pátria. Não há mais, insisto, uma verticalidade frente à qual preciso me posicionar, que foi o que Freud fez com uma psicopatologia das posições frente ao pai. Nesse mundo de hoje a pessoa não vem à análise mais tanto para saber o que lhe ocorreu, mas para saber de que maneira ela pode inventar um futuro. É muito mais uma análise para saber se a pessoa aguenta a consequência de suas escolhas do que a revelação de histórias escondidas. É uma mudança de 180 graus. Quando não há um padrão, aumenta a sua possibilidade de escolha. E entre dez possibilidades de escolha, se você escolhe uma, a única certeza é que você perde nove. Muito assustadas, as pessoas estão voltando atrás e buscando formas tontas de se defender contra essa angústia da escolha — livros de autoajuda, neorreligiões, exorcismos de televisão à meia-noite... A psicanálise de hoje tem de cuidar dessas pessoas, fazer com que vivam o seu tempo. E o tempo de hoje é interessantíssimo. É o tempo de um novo humanismo, um tempo em que a marca do homem é superior à marca da técnica.

**O senhor tem falado sobre o homem desbussolado dos dias atuais. Durante um tempo esse homem acreditou que poderia se agarrar à razão para fazer uma boa escolha. Hoje desconfia até dela. Por onde passa o processo de escolha?**

Não temos mais uma bússola externa que nos acomode e nos dê uma resposta tranquilizadora. A vida de hoje exige, a cada momento, uma correção de rumo. Estamos todos como um GPS: "Corrigindo rota, corrigindo rota..." Mas existe uma nova bússola nos dias de hoje. Essa nova bússola é a maneira como me posiciono junto a outras pessoas: um novo tipo de amor. Não posso explicar, por exemplo, o amor de um pai por um filho, o amor de um homem por uma mulher. O estatuto da explicação do amor, a DR (discussão de relacionamento), é ridicularizado. Quem quer explicar o amor dá com os burros n'água. Mas percebemos que o fato de o mundo estar desbussolado não quer dizer que podemos fazer qualquer coisa. E o que nos orienta? Nossas escolhas seguem um elemento próprio, que é o nome de cada pessoa. Cada pessoa descobre que tem uma forma habitual de preferir A e não B. Elas recebem informações do seu corpo, das suas aflições, dos seus prazeres.

**Na questão da educação dos filhos, o senhor defende que os pais "emprestem consequência" e "responsabilizem" os filhos pelas próprias decisões ao invés de fornecer respostas prontas. O que é exatamente isso?**

Na época anterior, o pai, especialmente o pai brasileiro, era um pai provedor. Ou seja, se faltava o dinheiro para o filho levar a namorada ao cinema, o pai dava; se recebia nota baixa da professora, o pai ia na escola brigar por meio ponto a mais; se o filho atrasava o trabalho da escola, o pai fazia o trabalho junto com o filho. Toda vez que o filho falava "Ô, pai, eu me deparei com esse limite", o pai completava o além do limite. Hoje em dia seria mais interessante o pai fazer com que o filho se depare com os limites normais da vida. Tipo: "Eu não estudei, fui mal na escola e agora eu vou ficar de segunda época". O pai: "De fato, quem não estuda fica de segunda época". Ou: "Papai, gastei a mais em tal coisa e agora eu não tenho dinheiro para pagar um jantar para a minha namorada". O pai: "Perfeitamente, se você gasta seu dinheiro dessa maneira, fica sem a oportunidade de jantar com a namorada". E assim por diante. Que o pai seja alguém que possa ajudar o filho a reconhecer os limites da vida. Porque, ao fazer isso, o filho também sabe onde tem de inventar soluções. O limite é onde a solução não é dada. Pai que fica complementando o limite faz um mau serviço. Impede que o filho desenvolva a capacidade de criativa de inventar soluções próprias.

**Acabamos de ter aqui em Goiânia uma chacina horrível – quatro adolescentes mortas. Foi a segunda chacina em menos de 15 dias. As pessoas estão assustadas com a violência e a criminalidade. Como a psicanálise pode ajudar a entender esses dois fenômenos?**

Estamos ainda muito acostumados a pensar que tudo que ocorre tem uma causa que justifique. E no nosso mundo várias coisas ocorrem sem causas que justifiquem. Os crimes inusitados, como esse em Goiânia, como o crime de ontem (sexta-feira, 7) em São Paulo, da mãe matando filho e nora e se suicidando, como o menino entrando no cinema e atirando a esmo... Esses tipos de crimes são característicos de uma sociedade em curto-circuito. O que é uma sociedade em curto-circuito? Como você não tem mais um padrão universal de comportamento, as pessoas respondem a sua satisfação de uma forma não mediada por um padrão, mas imediata, como se dissessem: "Me chateou? Eu deleto." Da mesma forma como no computador, as pessoas estão se deletando. E pessoas próximas estão se deletando de uma forma que assusta todo mundo. Por quê? Primeiro, porque ficamos tristes pelo sofrimento da família. Segundo, e o que faz com que a imprensa repercuta, porque todo mundo pensa: "Isso também poderia ocorrer na minha família." E as pessoas têm toda a razão. Não temos mais a garantia que o padrão dava. Não quer dizer que prefiro o mundo anterior. Mas sabíamos lidar com isso numa sociedade de padrão dado e não sabemos lidar agora, numa sociedade de padrão flexível. Esse tipo de crime que nos põe em dúvida sobre a nossa condição de seres humanos é um fenômeno atual e será diminuído na medida em que a sociedade responsabilizar mais não no sentido punitivo, superegoico, mas no sentido de as pessoas se ajudarem a deparar cada um com o seu próprio limite.

**O senhor analisou a eleição de Lula em 2002 como um aceno da população brasileira a um novo tipo de liderança. Como viu esse, digamos, sentimento nacional nos últimos 12 anos e como vê agora, vésperas de outra eleição?**

Quando falei isso à época, diferenciava razão objetiva de razão sensível. Razão objetiva é uma razão que define os fatos a partir de uma prova racional. A razão sensível é uma razão que define os fatos na soma da prova racional com a sensibilidade. A pessoa completa os dados com a sua sensibilidade. Para que isso fique claro, é só lembrar as campanhas de José Serra e de Luiz Inácio Lula da Silva. Serra se apresentou com um discurso racional objetivo e o Lula se apresentou com um discurso racional subjetivo – e sensível. E o povo brasileiro votou no racional sensível. A sociedade brasileira é tida como uma das mais avançadas do mundo na pós-modernidade. Domenico De Masi (sociólogo italiano) diz em seu novo livro, *O Futuro Chegou*, que nesse momento o melhor modelo de laço social para o tempo que vivemos é o modelo social brasileiro. Não estou dizendo que fizemos bem ou que fizemos mal. Estou dizendo que era previsível que a sociedade brasileira, sociedade essa que tem mais facilidade que outras para lidar com a pós-modernidade, escolhesse a mistura da razão com a sensibilidade. A sociedade brasileira continuará votando na razão sensível, mas na razão sensível e eficiente. E os possíveis candidatos que se apresentam até agora estão apostando nesse viés. O tempo do grande estadista – de Charles de Gaulle, Winston Churchill – acabou. O mundo atual pede outro tipo de líder. O líder da globalização é um líder muito mais flexível do que o líder emblemático do mundo anterior. Acredito que na campanha haverá uma insistência na racionalidade sensível.

**Conferência:** Psicanálise do Século 21 – Como Viver na Globalização, com Jorge Forbes
**Data:** Hoje, às 19h30
**Local:** Centro Cultural Oscar Niemeyer, Av. Jamel Cecílio, nº 4490/**Entrada franca**